

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações
Étnico- Raciais

Julio Cesar Figueiredo Mesquita

**PELAS ÁGUAS DE OXUM:
Saberes e aprendizados na perspectiva oxunista
para uma educação transformadora**

Rio de Janeiro
2025



Julio Cesar Figueiredo Mesquita

**PELAS ÁGUAS DE OXUM:
Saberes e aprendizados na perspectiva Oxunista
para uma educação transformadora**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais.

Orientador Litt.D. Osmar Soares da Silva Filho.

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

M582 Mesquita, Julio Cesar Figueiredo
Pelas águas de Oxum : saberes e aprendizados na perspectiva oxunista para uma educação transformadora / Julio Cesar Figueiredo Mesquita. - Rio de Janeiro, 2025.

20 f.

Artigo Científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Osmar Soares da Silva Filho.

1. Relações étnico-raciais – Estudo e ensino. 2. Oxum (Orixá). 3. Cosmogonia africana. 4. Ancestralidade. 5. Práticas pedagógicas. 6. Projeto político-pedagógico. I. Silva Filho, Osmar Soares da. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Julio Cesar Figueiredo Mesquita

PELAS ÁGUAS DE OXUM:
Saberes e aprendizados na perspectiva Oxunista
para uma educação transformadora

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico- Raciais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais.

Aprovado em: 26/abril/2025.

Banca Examinadora:

Litt.D. Osmar Soares da Silva Filho
Colégio Pedro II

Prof. Me. Arthur José Baptista
Colégio Pedro II

Prof. Me. Valdeir Cunegundes Salvador Soares
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2025

**PELAS ÁGUAS DE OXUM:
Saberes e aprendizados na perspectiva
Oxunista para uma educação transformadora**

Julio Cesar Figueiredo Mesquita

Resumo: Este artigo busca apresentar um caminho possível para uma educação transformadora pautada em uma pedagogia afetiva. Para isso, apresenta uma reflexão orientada pela filosofia oxunista articulada ao pensamento da filósofa Oyèronké Oyèwúmi (2020; 2021 e 2023). A partir de uma perspectiva social e política pautada na cosmo-percepção da orixá Oxum, espera-se que sejam evidenciados caminhos para uma educação oxunista que transborde em sabedoria, afeto e transformação. O presente ensaio busca ainda desafiar a lógica do pensamento colonial por meio de uma perspectiva cosmológica ancestral que valoriza os saberes africanos e toda a sua potência educativa. A partir da educação oxunista, defende-se a integração de valores ancestrais aos currículos e aos projetos político-pedagógicos de forma a produzir uma prática transformadora, sensível e conectada à ancestralidade afro-brasileira. Percorre-se esse caminho até uma proposta de atividade nos termos da Lei 10.639/03, em que a segurança alimentar na educação passa a ter centralidade na prática oxunista escolar.

Palavras-chave: Oxunismo; matripotência; cosmofofia; projetos pedagógicos; práticas pedagógicas.

**THROUGH THE WATERS OF OXUM:
Knowledge and Learning from the Oxunist
Perspective for a Transformative Education**

Abstract : This article seeks to present a possible path toward a transformative education grounded in an affective pedagogy. To this end, it offers a reflection guided by Oxunist philosophy, articulated with the thought of the philosopher Oyèronké Oyèwúmi (2020, 2021, and 2023). From a social and political perspective rooted in the cosmo-perception of the orixá Oxum, the article aims to highlight pathways toward an Oxunist education that overflows with wisdom, affection, and transformation. This essay also seeks to challenge the logic of colonial thought through an ancestral cosmological perspective that values African knowledge and its full educational potential. Through Oxunist education, the integration of ancestral values into curricula and political-pedagogical projects is advocated, in order to foster a transformative, sensitive, and Afro-Brazilian ancestry-connected educational practice. This path leads to the proposal of an educational activity aligned with Law 10.639/03, in which food security in education becomes central to Oxunist school practice.

Keywords: Oxunism; Matripotence; Cosmophobia; Pedagogical Projects; Pedagogical practices

1. INTRODUÇÃO

Oxum que cura com água fresca
 Sem gota de sangue
 Dona do oculto, a que sabe e cala
 No puro frescor de sua morada
 Oh, minha mãe, rainha dos rios
 Água que faz crescer as crianças
 Dona da brisa de lagos
 Corpo divino sem osso nem sangue [...]
 (BETHANEA, 1992, faixa 8).

Nas margens dos rios que bailam à luz do sol, está Oxum, senhora das águas doces, que nutre a vida e possibilita a experiência de existir. Ela é a mãe do coração e do ventre fecundo, alimentado por suas águas. Senhora da sabedoria de *Ofó*: o poder da palavra. Oxum é o equilíbrio perfeito entre força e delicadeza, intuição e razão, céu e terra. Cada gota do seu rio carrega o segredo da vida e perpetua o saber ancestral. Pelo mesmo rio, passam vários caminhos, à sua beira ocorrem histórias, em todos os momentos Oxum está lá.

Em sua presença maternal, acolhedora, coexistem força e afeto; e é com delicadeza, que ela converge afeto, sabedoria e conhecimento. O presente ensaio busca nos aprendizados que emanam de Oxum encontrar um meio de transpor os desafios da vigente hegemonia binária colonial, procurando novos caminhos para neles reescrever essa lógica (in)operante, e, de forma harmônica e equilibrada, produzir novos sentidos, percepções, realidades. Busco realinhar a realidade distanciada da essência da vida, distorcida por ter abandonado Oxum, busco fazer o pensamento oxunista convergir em ações de resistência.

Como filho de Oxum, a inspiração para este trabalho flui como água de uma nascente e segue o curso do rio. Ao escorrer, a inspiração que dá a água gera vida e transforma a realidade por onde passa. Transporta a esperança de promover respeito, entendimento e a verdade pautada na filosofia africana.

Pretendo entrelaçar rios e saberes sob o encanto da deusa e navegar na perspectiva da filosofia *oxunista* amparado pela visão de Oyèwùmí (2021), que faz um convite ao mergulho profundo no movimento de mulheres africanas pela valorização do poder e da sabedoria à parte da construção de gênero e sua reverberação na estrutura social, política e cultural. Desta forma, ao subverter a construção ideológica do padrão ocidental, pretendemos que essa perspectiva filosófica seja o guia do curso deste rio.

Este caminho não pretende apresentar mais um texto que reproduza a narrativa mítica sobre Oxum, mas ouvir aquela que é a mãe das águas, a geradora da vida, a *Ìyá* – a mãe primordial, que possibilita que tudo exista, e assim permaneça. É por ela que tudo vive e em toda a sua potência. Trata-se de um convite à escuta das águas e à celebração das vozes que resistiram às correntezas da opressão, do pensamento eurocentrista e do apagamento das filosofias africanas. Portanto, a partir desta compreensão, o caminho que se construiu demonstra de que forma esse poder de criação e manutenção da vida contribui para uma proposta de educação cosmológica, transformadora e confluyente.

A cosmo-percepção, ou seja, a experiência de sentir e viver, a cultura afro-brasileira e os atributos em Oxum são os fundamentos que guiarão para uma corrente de caminhos de práticas pedagógicas que integrem valores ancestrais nos projetos político-pedagógicos e currículos e mais do que isso, na vivência do ambiente escolar.

O papel dos projetos político-pedagógicos e dos currículos deveria ser o de criar no ambiente escolar possibilidade de vivências, onde o habitual e a experiência de viver se deem por outras perspectivas. A escola é lugar de mediação entre o cotidiano e o não cotidiano. Não cabe, portanto, a escola falar mais do mesmo. Já é o tempo de construir uma nova história para a educação, de atribuir de acordo com os nossos interesses e saberes, novas histórias e novas

perspectivas ao ato de educar, para que através de um novo arquétipo e de correntes outras do pensamento, possamos, nos espaços de educação já estabelecidos, implantar olhares, propor práticas acolhedoras que valorizem e ensinem a existir e a coexistir oxunisticamente, sem recorrer necessariamente ao embate.

Ao reconhecer a necessidade de realinhar práticas educacionais à escuta de Oxum, estamos no caminho para atender ao disposto no artigo 24-a da LDB, alterado pela lei 10639/03, que determina a inclusão da história e cultura africana na educação básica. Para um trabalho de educação oxunista, devemos estabelecer uma profunda reorganização dos projetos político-pedagógicos e dos currículos de forma que sejam pautados primordialmente por uma filosofia do respeito, do reconhecimento do caráter ancestral e da promoção de uma vivência da cultura afro-brasileira. Se Oxum é a nutridora da vida por ser a própria água, o *oxunismo*, como horizonte filosófico para o educar será a fonte que sempiternamente alimenta todo o curso do rio, não sendo ele apenas um ponto a ser cumprido no calendário escolar, conforme a letra da lei, mas a integridade mesma de todo o processo.

Sabemos ainda que este caminho é apenas uma construção ideológica e que as pedras que formam as represas de resistência são muitas, temos uma consciência, contudo: a de que uma desconstrução de barreiras se dá quando a água ela mesma carrega consigo os sedimentos, transporta com sua ação perene tudo que é sólido, tornando o duro e seco em úmido e pastoso. Assim, o conhecimento *oxunista*, estrategicamente, se apropria da mesma lógica que impede o avanço, envolve-o aquaticamente e mobiliza a mudança enquanto escorre. Quando a água assume sua força de correnteza, nada pode impedi-la. É neste momento que ela se doa como fonte de força argumentativa, e é através dela que queremos potencializar a descolonização cultural, cosmológica e curricular.

Há muitos desafios pelo caminho, e para isso, é preciso compreender com quem estamos lidando, que as raízes do desafio de uma educação afrocentrada passam, como aborda (SANTOS, 2023, p.37), pela colonização e pelas matrizes culturais pelas quais se estruturam a sociedade, o pensar e o existir: “as populações desenvolvem a sua cosmovisão a partir da sua religiosidade e é a partir dessa cosmovisão que constroem as suas várias maneiras de vida de ver e sentir a vida”. Essa estrutura fornece os pressupostos que a colonização impôs para fazer prevalecer a sua visão, ou seja, seu sentido único e orientado pelo conceito de cosmo-fobia descrita por Santos (2019). São alimentadas por um profundo medo e rejeição à cosmo-percepção africana, que privilegia todos os sentidos do corpo, não se atendo apenas à visão, como soe ser no Ocidente. É mister entender e relativizar como este contexto impede até o presente momento avanços significativos na elaboração de projetos educacionais pautados na cosmo-percepção e nos valores africanos, para a partir deste entendimento passar a resistir ao sólido através de ações aquáticas afrocentradas.

A partir do curso deste rio, Oyèwùmí (2021) nos mostra que o atributo feminino e matriarcal de Oxum transcende à visão cosmológica, mitológica ou religiosa para reverberar na própria estrutura social de mundos-de-vida africanos. Para entender essa realidade, é preciso também fugir dos estigmas ocidentais concentrados na visão, reforçando que a ordenação social e cultural dessas sociedades como a iorubana se dá por valores e aspectos diversos e não apenas pelos binarismos e totalitarismos que desembocam na generificação e em outras categorias caras ao ocidente, como categorias fundamentais de seu pensamento filosófico Rocha (2024).

Oportunizando a matripotência de Oxum e sua potência epistemológica e seu lugar nas tradições das comunidades afrodescendentes, estamos sob o signo de resistência cultural afro-referenciada, cuja importância está em manter tradições ancestrais, incentivar a conexão entre as pessoas e seu meio ambiente, promover uma visão mais equilibrada e respeitosa da relação entre o humano e o sagrado. E igualmente em transpor valores e conceitos do *oxunismo* em propostas pedagógicas possíveis, construir caminhos afrocentrados, inclusive como alternativa ao patriarcado capitalista, reconhecer a exaltação da força feminina.

Desejando mais ainda a construção de uma educação engajada, pautada nas experiências próprias da ancestralidade africana, cheia de sentidos, formas, sensações, afetos inclusivos, procuro um diálogo que nos leve a ir além do habitual, a não realizar mais do mesmo. Para isso, proponho uma escola que vá além das suas fronteiras (coloniais), que reflita a voz daqueles que ali convivem e que esteja conectada à cultura local. Este espaço escolar *oxunista* é o de circularidade do conhecimento e das vivências, é o de diálogo entre cultura, conhecimentos sociais e científicos, é o da não hierarquia em sua organização, pois é uma escola que não despreza as histórias e experiências existenciais de seus atores.

Portanto é uma escola construída com Oxum, que nos dá a vida pela sua água, que nos abraça na ancestralidade e nos torna capazes de junto dela criarmos caminhos para a formação de nossos filhos, para que sejam pertencentes à sua sociedade e sejam conscientes do seu papel na universalidade.

2. A IMPORTÂNCIA CULTURAL E SOCIAL DE OXUM

OXUM NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO MUNDO

Era uma vez, no princípio do mundo, Olodumaré mandou todos os orixás para organizarem a terra. Os homens faziam reuniões e mais reuniões. Somente os homens, as mulheres não eram convidadas. Aliás as mulheres foram proibidas de participar da organização do mundo. Deste modo nos dias e horas marcadas, os homens deixavam em casa as suas mulheres e saíam para tomar as providências indicadas por Olodumaré.

As mulheres não gostaram de ficar de lado. Contrariadas foram conversar com Oxum. Oxum era conhecida como uma Iyalodé. Iyalodé é um título da pessoa mais importante entre as mulheres do lugar. Na verdade, parece que os homens tinham esquecido do poder de Oxum sobre a água doce. E sem a água doce, com certeza, a vida na terra seria impossível.

Oxum já estava aborrecida com esta desconsideração dos homens. Afinal ela não poderia de forma alguma ficar longe das deliberações para o crescimento das coisas da terra. Ela sabia de tudo o que estava acontecendo. Era preciso compreender que todos são importantes para construção do mundo.

Procurada por suas companheiras, conversaram durante muito tempo e por fim a Iyalodé comunicou: - De hoje em diante, vamos mostrar o nosso protesto para os homens. Vamos chamar atenção, porque somos todos responsáveis pela construção do mundo. Enquanto não formos consideradas, vamos parar o mundo!

-Parar o mundo? O que significa isto? Perguntaram as mulheres curiosas.

-De hoje em diante, falou Oxum, até que os homens venham conversar conosco, estamos todas impedidas de parir. Também as árvores não vão mais dar frutos, nem as plantas vão florescer, nem crescer. Isto foi dito e isto aconteceu.

Aquela foi uma reunião muito forte. A decisão foi acatada por todas as mulheres. E os resultados foram imediatos. Os planos que os homens faziam, começaram a se perder sem nenhum efeito. Desesperados, os homens se dirigiram a Olodumaré e explicaram como as coisas iam mal sobre a terra. As decisões tomadas nas assembleias não davam certo de forma nenhuma.

Olodumaré ficou surpreso com as más notícias. Depois de meditar por alguns instantes perguntou:

-Vocês estão fazendo tudo como eu mandei? Oxum está participando destas reuniões? Os homens responderam: -Veja senhor, estamos fazendo tudo “direitinho” como o senhor mandou. Agora, este negócio

de mulher participando de nossas reuniões... isto aí, a gente não fez assim não! Coisa de homem, tem que ser separado de coisa de mulher. Olodumaré falou forte:

-Não é possível. Oxum é o orixá da fecundidade. É quem faz desenvolver tudo que é criado. Sem Oxum o que é criado não tem como progredir. Por exemplo, vocês já viram alguma coisa plantada crescer sem água doce?

Os homens voltaram correndo para a terra e cuidaram logo de corrigir aquela grande falha. Quando chegaram à casa de Oxum, ela já esperava na porta, fazendo jeito de quem não sabia o que estava acontecendo. Aí os homens foram chegando e dizendo:

-Agô nilê!(Com licença).

-Omo nilê ni ka a gô (filho da casa não pede licença).

Deste jeito ela os convidou a entrar em sua casa. Conversaram muito para convencer a Oxum. Eles pediam que ela participasse imediatamente dos seus trabalhos de organização de terra. Depois que ela se fez bem de rogada, aceitou o convite.

Não tardou e tudo mudou como por encanto. Oxum derramou-se em água pelo mundo. A terra molhada reviveu. As mulheres voltaram a parir. Tudo floresceu e os planos dos homens conseguiram felizes resultados. (PETROVICH; MACHADO. 2004, p.69-71)

Oxum na tradição afro-brasileira, em sua plenitude, é potência geradora da vida e em toda a criação se faz presente. A vida ao redor não prospera sem a sua presença. Portanto, pensar e permitir uma vida *sem* Oxum é deixar que os rios sequem e a escassez se faça presente. O contrário desta sentença, isto é, uma existência *com* Oxum evoca a possibilidade de dar vida às formas de resistência e de experiências que promovem encontros, trocas, respeito, ancestralidade e, acima de tudo, afeto: vida e maternidade estão juntas nesta viagem.

Sua participação é crucial na geração da vida pela gestação, já que tudo vive a partir de seu desejo. Este lugar dado à orixá contrapõe-se à construção do senso comum, que atribuiu ao arquétipo de Oxum apenas valores e conceitos ligados à beleza e à riqueza. Essa atribuição redutora trata-se de uma tradução limitante que reproduz os conceitos e matrizes ligadas às raízes da colonização, pelas quais seus atores por inferência imagética e pouco interesse, encarceraram Oxum a esses valores. Desta forma deixaram de lado a percepção profunda desta orixá, e alimentaram uma construção cultural propriamente brasileira, distanciando-se não apenas da sua fonte na sociedade iorubá, mas principalmente da própria tradição afro-brasileira, que foi alicerçada pela construção dos povos em diáspora, cujos valores e saberes ainda são pouco difundidos.

Entender, portanto, como os valores e a construção social desses mitos compõem a complexidade cultural africana e afrodiaspórica oportuniza a compreensão da importância cultural e social de Oxum para a introdução dessa força como matriz focal na educação. Amparados por uma cosmo-percepção *oxunista*, uma nova construção filosófica que enuncia um outro modo de perceber e agir no mundo se faz necessária. Assim, conforme afirma Poli (2014), é preciso compreender o mito e as suas diferentes funções: mística, cosmológica, sociológica e pedagógica:

[...] **Função Cosmológica:** Senhora das Águas Doces. **Função Sociológica:** “Legitima diversos corpos sociais na região de Osogbo onde define todo corpo administrativo desde o rei (Ataojá) até os administradores. Mito ligado aos corpos sociais de educadores e várias regiões yorubás. Juntamente com Yansã regula corpos sociais de mulheres do mercado e suas sociedades secretas assim como as feiticeiras que tem ligação aos corpos sociais de transgressores. **Pedagógica:** O próprio papel da educadora e da mulher como educadora é um arquétipo formado por este mito. Resistência feminina às agressões masculinas, contrapondo a inteligência como uma característica feminina contra a força como uma

característica masculina na formação civilizatória das sociedades. Arquétipo também das administradoras e mulheres do mercado, juntamente com Yansã (POLI, 2014, p. 96)

A compreensão destes quatro fundamentos que impactam a organização social e corroboram para a construção do arquétipo das identidades femininas poderosas, em contexto iorubá, prepara a percepção de todo um conjunto de valores, práticas e crenças que giram em torno da figura de Oxum e de sua importância como entidade espiritual estruturante nas sociedades relacionadas a si, especificamente a iorubá, de quem os afro-brasileiros sofrem grande influência e são continuidade Luz (2020). Estas categorizações são estruturas reais da sociedade e não ideais ou crenças puramente teístas, elas de fato permeiam a possibilidade de entendimento amparados por uma cosmo-percepção que transborda onde o mito opera em função da organização social e de sua influência neste mundo-de-vida. Não há uma visão de poder maior e central nestas sociedades, cada operação social mítica se espelha em um papel social, isto porque, os mitos não estão distantes, mas ao contrário, estão sempre presentes no mundo e na vida das pessoas da aldeia.

Portanto, a ligação de Oxum pelo poder do feminino surge como uma corrente de inteligência, cuidado, vida, ensino, como proposta de desconstrução do poder binarista em sociedades coloniais, pavimentando assim revisão de valores e estruturas fixadas por uma categoria de generificação, como afirma Oyěwùmí (2021). A presença e introdução deste “novo” arquétipo na sociedade é a oportunidade em que o signo de Oxum, através dos processos míticos, deixe de figurar apenas no imaginário e nas teorias cosmológicas, e possa estampar esta nova identidade de poder que a faça parte do processo de compreensão natural da sociedade e seja de fato representativo na cultura. É tornar Oxum um projeto político-social de reencontro com o mundo para a quebra de paradigma da fragilidade ligada à feminilidade, garantindo, a partir desta nova visão, caminhos para a construção de uma sociedade verdadeiramente plural. Implica verdadeiramente descolonizar o pensamento; oportuniza ir adiante; possibilita entender este movimento como oportunidade de quebra do paradigma hegemônico, político e social e principalmente viabiliza através do empoderamento feminino, matriarcal, a construção de uma ideologia que transborde em novas estruturas sociais e educacionais.

3. OXUNISMO

A lógica ocidental impôs a visão de que as filosofias africanas são representações meramente culturais sem estrutura, uma vez que se organizam, dentre outras formas, principalmente pela tradição oral, e por isso, não estariam no mesmo nível do conhecimento clássico. A partir desta afirmação, a construção filosófica da colonialidade se robusteceu e estabeleceu a sua lógica de supremacia e conquista na tríade: saber, poder e ser. Portanto, este método constituído, introduziu nos meios sociais, científicos e culturais a perspectiva de que o saber e o poder estão atribuídos à maneira como existem no mundo e a sua relevância está baseada apenas em seus métodos, linguagem, trabalhos e observações. Desta forma, todo o conhecimento e atributos advindos do pensamento filosófico africano está numa hierarquia inferior e todo o seu caráter é marginal.

A cosmo-percepção africana surge, portanto, como uma matriz de força para a descolonização desta lógica do conhecimento. Os estudos epistemológicos propostos a partir da pesquisa filosófica iorubá de Oyěwùmí (2021) apresentam o *oxunismo* como uma forma de resgate e representatividade real e verdadeira das filosofias em África. É a partir de Oxum como ativista que tudo começa. Assim ela define:

[...] Mesmo a história da origem humana, em muitas outras culturas, começa com Iyá, começa com Oxum, começa com a Mãe da Humanidade. E por que ela não está no centro do poder? [...] proponho o oxunismo. Para mim, sua definição é mobilização, ativismo, que prioriza Iyá, Mãe e sua prole. Mobilização em nome de Iyá, priorizando Iyá. E sua prole. E isso é inclusivo, porque todo mundo nasce de uma Iyá (OYĚWÙMÍ, 2016, p.211).

Portanto, a partir dessa afirmação e reconstrução filosófica, a proposta do *oxunismo* é romper com a proposta social atual em que a imposição de gênero do colonialismo restringiu a força do feminino, colocando-a apenas como uma categoria menor, dentro de uma estrutura de organização social. Na visão de Oyèwùmí, a divindade de Oxum é o marco do nascimento da humanidade. Ela é a mãe primordial, a *Iya*, é mobilização e reorganização. Todos nascem de uma mãe, por isso o *oxunismo* é inclusivo e não excludente. Nele, a maternidade não é renegada a um mero papel dentro de uma estrutura patriarcal.

No caminhar desta concepção seremos capazes de reler as estruturas da sociedade e entender que a visão que possuímos, inclusive das sociedades africanas, está impregnada do pensamento ocidental e em nada representa ou reflete as sociedades em África, principalmente o povo iorubá.

O *oxunismo*, portanto, é a valorização e o reconhecimento do atributo feminino criador, gerador de vida. Não é a mãe que se organiza na sociedade, é a sociedade que se organiza porque tem uma mãe. Esta, portanto, é uma proposta de pensar, ser e viver através da maternidade e do cuidado de Oxum que desafia o ocidente (patriarcado) a se repensar em sua pretensa (in)utilidade.

4. MATRIPOTÊNCIA

O pensamento colonial e hegemônico nos leva a compreender as categorias pelas quais se organiza a nossa sociedade em um padrão estruturalmente generificado. Isto quer dizer que o ocidente estabeleceu como padrão a diferenciação anatômica sexual, ou seja, a diferenciação entre homem e mulher como uma forma de estruturar a sociedade e estabelecer os papéis sociais a partir deste conceito Rocha (2023).

Nas sociedades ocidentais, a estratificação e papel social entre homem e mulher revela, ainda na atualidade, o protagonismo dominante masculino, em oposição ao papel feminino, visto como inferior, frágil e dependente. A partir desta visão, fortaleceu-se o conceito de que a maternidade é uma categoria que a mulher desempenha para ser aquela que cria, cuida, acolhe seus filhos, mas que sempre irá depender da posição e da ação do homem para tomar as decisões, cujo papel provedor lhe dá o poder de tomar as decisões. Na relação homem e mulher, o papel de mãe é menor, é uma das categorias da mulher esposa. As distorções que este sistema criou, gerou inclusive cenários em que as mães exercem duplo papel, são as geradoras da vida e provedoras do seu lar e por conta deste sistema opressor, sua situação social por muitas vezes é ainda pior do que aqueles que vivem sob a organização social padrão.

Em contrapartida, a sociedade iorubá em sua concepção, sem as interferências do pensamento ocidental, através da sua filosofia e reverberação na estrutura social, não estabeleceu estruturas sociais e espirituais a partir da noção de gênero Rocha (2023). Desta forma, conseguimos entender uma importante categoria social deste povo, o sócio espiritual *Iya*, que é o ponto primordial da abordagem de Oyèwùmí. A matripotência surge para explicar que todo o poder espiritual e material que existe no mundo é advindo do poder criador da *Iya*. Logo, esta é a categoria social digamos mais importante, mais potente. O pensamento iorubá e das sociedades africanas em geral é estabelecido pelo papel da ancestralidade e da senioridade, conferindo à *Iya* caráter matripotente: a partir da célula *Iya* e da sua prole, temos uma origem e

fundação de uma sociedade. Desta força criadora, emana toda a estrutura que compõe a sociedade e daí a sua centralidade, a que se deve respeito e a que se atribuiu a senioridade:

A Matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de Ìyá. A eficácia de Ìyá é mais pronunciada quando considerada sua relação com a prole nascida. O ethos matripotente expressa o sistema de senioridade em que Ìyá é sênior venerada em relação a suas crias. (FLOR DO NASCIMENTO, 2021, p.12 *apud* OYÈWÙMÍ, 2016).

A respeito desta categoria *Ìya*, não há em nenhuma outra sociedade papel e importância que se assemelhe. É por esta cosmo-percepção iorubá que compreendemos quando pensamos no compromisso e na relevância da *Ìya*. É dela essa atribuição para além da vida, seu grande poder deriva do papel singular de gerar vida.

Conta um Itã que Oxum recebe de Olódùmarè o axé sobre todos os demais Orixás que haviam viajado com ela para a Terra. Esse axé, aqui compreendido como poder, atributo, força vital, confere a ela a distinção de uma *Ìya*, já que agora estes que com ela fundaram o mundo são a sua prole e a ela devem respeito e obediência. À luz desta perspectiva, esta cosmo-percepção permeou a formação social e filosófica das sociedades iorubás.

Para realizar esta matripotência criadora através do *oxunismo* na educação, uma cosmo-percepção sociocultural dotada deste conceito primordial orientador geraria uma nova estrutura social. Para isso, é preciso começarmos a gerar ideias e aprendizados novos, e, assim, a escola tornar-se-á o principal celeiro matripotente. Entender a escola com o papel de uma *Ìya*, onde o saber não é o principal motivo de convivência, mas a *vida*, que é gerada no colo de uma escola acolhedora, que respeita a vivência de cada indivíduo, com seus saberes e sua história, praticando a circularidade do conhecimento, ao invés da hierarquização,

5. COSMOFOBIA

A estrutura ocidental defende sua prevalência social e epistemológica, disfarçando-se através da homogeneização, do discurso da democracia racial, da equidade, quando na verdade, são constructos racistas contra os quais ainda há muito o que combater. A centralização do conhecimento nas bases euro-americanas despreza a existência da diversidade étnico-racial, em específico, a afro-brasileira, que, apesar dos avanços na luta dos movimentos negros, enfrenta desafios até os dias atuais. O apagamento histórico dos saberes dos povos ancestrais africanos que vivem hoje na diáspora é a forma de fazer do colonialismo para perpetuar a não existência, o não lugar; o que torna estes sujeitos sem história e sem passado, os quais dificilmente terão registros do seu legado pela história. Este contexto de estrutura racista, reforçada pelo modelo capitalista colonial, não permite que a diversidade cultural ancestral e epistêmica africana permeie a sociedade.

A origem desta engrenagem está ligada ao sistema escravagista que buscou romper a unidade cultural africana conferida por Diop (1982), não reconhecendo sua estrutura filosófica e social. A colonialidade articulou e atacou a cosmo-percepção e a polimorfia do teísmo negro, bem como as suas identidades culturais coletivas. A cosmo-percepção afrodiaspórica estabelece a confluência com o cosmo de forma a experimentá-lo em co-pertencimento, possibilitando estar dentro e fora do mundo, no interno e no externo ao mesmo tempo. Esse estar neste mundo é tornar-se parte dele. Com objetivo de substituir o substantivado paganismo politeísta pelo cristianismo euro-monoteísta, a branquitude aos poucos asfixiou a existência cosmológica africana, substituindo valores e vivências. Não demorou até que o medo fosse a única sentença e sentimento mencionados quando se trata da cosmogonia africana. As sociedades embranquecidas estabeleceram comportamentos sociais cosmo-fóbicos. Amparados

ainda mais pela lógica da fé, possibilitaram diversos ataques às identidades africanas: “o colonizador começa por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. (SANTOS, 2023,p. 19). Sendo assim, é necessário revisarmos esse percurso em busca de horizontes libertadores.

6. EDUCAÇÃO, RESISTÊNCIA E DIÁLOGO

A partir do conceito da lei, a educação fomentou a construção de relações colaborativas na sociedade para promoção e incentivo do pleno desenvolvimento da pessoa, o preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o mercado de trabalho Brasil(1988). Na prática, a escola até a atualidade se constitui por um ambiente formal, organizado sistematicamente em práticas de saber, onde se realizam as experiências epistêmicas do indivíduo coadunadas a complexas experiências sociais que reverberam dos processos estabelecidos pela socialização e pela cultura. Sobre a educação, (MUNIZ SODRE, 2012,p 105). aponta que: “ela incita continuamente a consciência a ir além do social ao pé da letra, isto é, além da sociedade em sua repetição compulsiva do societário”

Há diversos mecanismos no *oxunismo* para que a escola não seja apenas a estrutura de matriz curricular onde mais uma vez a estrutura de poder e de disputa ideológica se repetem e se reproduzem, refletindo, em vez disso, de forma contextualizada a realidade tácita da cultura local. Uma escola *oxunista* deve refletir a pluralidade e promover em seus meios a representatividade dos atores da comunidade educacional, para que assim, verdadeiramente sejam cumpridos equitativamente os pressupostos pelas quais uma escola existe.

Portanto, é preciso de fato mudar o rumo, conforme afirma Santos (2012). É preciso estar na fronteira, utilizar-se da mesma lógica e estrutura que a própria escola oferece para reverter os conceitos impostos, de forma que aquilo que a sociedade espera do papel de uma escola seja cumprido, sem que, no entanto, sejam admitidos os pressupostos estruturais ocidentais já repetidos diuturnamente, os quais marginalizam e desumanizam a educação. Neste sentido, junto a Bispo, o *oxunismo* educacional propõe que a educação seja um ato de interlocução, de circularidade e de compartilhamento. Para isso, queremos experimentar iniciativas educacionais baseadas nos valores afrocentrados aplicadas no contexto acadêmico e escolar, para assim mudar o rumo, percorrer outro caminho, promover uma nova perspectiva de vida no ambiente escolar. Queremos que esta escola seja o rio cujos navegantes se vejam refletidos no espelho das águas, cuja sede de saber e fome de vida encontram água doce e pescaria farta, onde a vida brota em abundância.

Quem conduz essa correnteza é Oxum! Com ela temos a garantia de uma viagem acolhedora, maternal que nos leve a conhecer e viver pelos valores de saberes ancestrais africanos para que saboreando esta confluência, aquele que navega por este rio seja conduzido, experimente e viva sem mesmo se dar conta de que está sendo nutrido, de que está imerso e de que as estruturas estão sendo infiltradas por essa grande água numa escola que reflete as culturas silenciadas e os saberes esquecidos.

O desdobramento dessa experiência que funde rio e escola pelo encanto de Oxum e pela cultura afro-brasileira constitui uma ponte de diálogo para que, como afirma Gomes (2012), seja possível construir propostas que dialoguem de fato com a realidade sociocultural brasileira e que sejam coordenadas propostas de conhecimento científico e conhecimentos sociais e culturais refletindo as realidades sociais, culturais, históricas e políticas de todos. Pois, já que todos somos filhos de uma *Iyá*, as águas de Oxum nutrirão a todos, de fato, produzindo currículos que dialoguem com a diferença e com a multiplicidade sociocultural.

7. RESGATE: CULTURA E IDENTIDADE

A perspectiva da pedagogia é ser aquela que instrumentaliza a prática educacional em um movimento na cultura, de trazer ao ambiente coletivo da escola a possibilidade de coexistência de todas as identidades e que haja uma dinâmica de entrelaçamento entre elas.

O entrelaçamento é este movimento que produz sentido não só para aqueles que estão experimentando a escola, mas também para aqueles que a absorvem como fenômeno social. Não será fazendo de um momento de representatividade ao abordar os povos originários em determinadas datas, ou fazendo uma semana de cultura afro-brasileira, que a equidade das identidades estará representada.

Cultura é, portanto, reflexo da estrutura social, são padrões de comportamento socialmente transmitidos, é tudo aquilo que alguém tem que conhecer para operar de maneira aceitável na sociedade, é o primeiro aspecto de reconhecimento do indivíduo, como produtor e ator na sociedade em que vive Tylor (2009). Neste sentido, a escola deve reconhecer as diferenças culturais no ato educativo, ou seja, a realidade do indivíduo como ponto de partida e a apropriação de conhecimentos sistemáticos devem ser componentes curriculares inequívocos da escola. Corrobora com este pensamento a proposição de Akotirene (2019), que afirma que a epistemologia acontece na cultura, ou seja, a construção do currículo escolar *oxunista* deverá, como temos dito, levar em conta a cultura local e a composição familiar da comunidade escolar, já que todo ser humano é culturalmente fundamentado no entorno de uma *Iyá*, uma mãe.

Portanto, não é possível conceber um espaço coletivo sem que todas as identidades culturais sejam equivalentes e pertencentes. Não se objetiva uma guerra de espaços, mas, que na estrutura de uma pedagogia afetiva e materna como essa proposta, a escola seja o local primordial da valoração e da identificação cultural do indivíduo. Dessa forma, espera-se, como preveem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais, resgatar, (re)conhecer e valorizar as contribuições do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à história do Brasil e este caminho de valorização deve ser metodologicamente, na minha proposta, orientados por uma prática *oxunista*.

8. EDUCAÇÃO: APRENDER-ENSINAR-APRENDER

Aprendemos pelo olhar da cultura ocidental que a vivência de uma realidade educativa ocorre em um espaço de controle sistemático, onde o singular fala mais do que o plural, e, a esta corrente de métodos e tendências, atribuímos o nome de escola. Contudo, sob o prisma da cosmo-percepção permeados por valores e práticas afrocentradas, a educação em uma perspectiva pedagógica inclusiva, humanista e afetiva, se realiza nos mais diversos espaços e pela confluência de convivências harmônicas, não impositivas e supremacistas. Nesta escola, não há relação didática entre o espaço e o saber, ao contrário, ela se insere em um contexto epistemológico de existência, ou seja, o saber é parte constituinte do ser e estar no mundo, pertencer a um grupo ou comunidade. Esta escola incita a educação como a experiência de viver, com todos os saberes, com todas as histórias, escritas ou contadas. Portanto, sua identidade não está relacionada no entre saber e poder.

A partir desta compreensão, aprender não está relacionado tão somente ao que vamos ensinar. Trindade (2006) traduz em conceitos e valores culturais a contribuição da diversidade dos povos africanos trazidos ao Brasil e sua extensão nos descendentes que contribuíram para a construção social atual do país. Para ela, esses “valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia,

religião, na nossa pele, no nosso coração” são a maneira como deveríamos transmitir o ser e viver que opera pela lógica educacional.

Portanto, instiga este ensaio o fazer educacional de outra forma. Aqui propomos que o que para o olhar do ocidental é “o diferente”, para nós *oxunistas* são práticas e vivências naturais do existir. Para o *oxunismo*, não se vive desconectado do que foi ontem, do que é hoje e do que será amanhã. Oxum também é uma guardiã de tradições passadas oralmente. É a partir de histórias contadas pelos mais antigos, dos antigos tempos ao redor das fogueiras das aldeias, que passaram quem conhecemos e quem não conhecemos, de quem nos lembramos e de quem nos esquecemos. É através dessas narrativas ancestrais locais e longínquas que o *oxunismo* na educação permite, em primeiro aspecto, que conheçamos o local onde estamos, em que bases e em que terra vivemos, para que ao sermos educados por Oxum, possamos nos valer de qualquer construção de saberes e vivências coletivas.

É também em Oxum que brota não só a fonte de conhecimento dos antepassados, mas como ela carrega um *abebé*, espelho com que reflete a si mesma, que vimos a nos buscar, nos conhecer. É por ela mesmo, que dá o seu nome a um rio e é por sua grandiosidade e poder feminino, potente e de comando social, que a orixá nos ensina que em primeiro lugar a educação *oxunista* propõe um olhar para dentro, um sólido autoconhecimento, e uma potente autoestima condutora da felicidade da autovalorização. O *oxunismo* preza, portanto, por metodologias pedagógicas que visam a olhar para dentro da escola e refletir sobre suas práticas educativas desde dentro de si: que histórias nos contaram os mais velhos, que histórias sabemos sobre nós mesmos, que ações educativas podem promover vínculos na aldeia, entre o autoconhecimento, a identidade e o reconhecimento do educando *oxunista* no mundo?

Na prática, como educadores comprometidos com a luta antirracista, incitamos que a lente que amplifica este horizonte de saberes tenha como premissa não só o aspecto documental, como políticas e currículos, dado que estes são documentos que atestam a forma de fazer e que são fundamentais, mas que a escola *oxunista* seja um lugar de experiências positivas e inclusivas para todos. Que as enunciações não sejam apenas arquétipos ou representações, mas que os valores se experimentem efetivamente pelas ações e através delas a construção dos saberes se realizem. É preciso que o curso do rio fique livre de barreiras de *pré-conceitos* e que Oxum com sua sabedoria ancestral pela fluidez de suas águas, com propostas acolhedoras, respeitosas, permeie toda a construção ideológica, política e filosófica da escola *oxunista*. Esta nova escola reafirma, exalta e celebra a diferença como proposta de emancipação pessoal, contemplando todas possibilidades e intelectualidades. Nela não há barreiras ao curso do rio: os deslizes são possibilidades de rever a rota e corrigir o curso.

Oxum está lá, garantindo a ordem do mercado, orienta e acolhe os seus filhos e a eles dá de beber todos os dias, sem que nem mesmo eles percebam que dela se alimentam. Ela garante sua existência através de reproduções destes filhos em experiências futuras, em tudo aquilo que viveram e sentiram durante a sua gestação escolar *oxunista*. Neste futuro em que Oxum mantém o mundo nutrido e pleno em sua existência, a escassez não é uma preocupação, pois ela nos diz: “Meu Reino é nas águas doces, onde me faço forte como uma cachoeira”.

9. PROPOSTAS DE UM CURRÍCULO OXUNISTA

Uma vez Olodumare quis castigar os homens.
 Então levou as águas da Terra para o Céu.
 A terra tornou-se infecunda.
 Homens e animais sucumbiam pela sede.
 Ifá foi consultado.
 Foi dito que se fizesse um ebó.
 Com bolos, ovos, linha preta e linha branca,
 com uma agulha e com um galo.
 Oxum encarregou-se de levar o ebó ao Céu.
 No caminho Oxum encontrou Exu
 e ofereceu-lhe os fios e a agulha.
 Em seguida encontrou Obatalá
 e entregou-lhe os ovos.
 Obatalá ensinou-lhe o caminho da porta do Céu.
 Lá chegando, Oxum encontrou um grupo de crianças
 e repartiu entre elas os bolos que levava.
 Olodumare viu tudo aquilo e se comoveu.
 Olodumare devolveu à Terra a água retida no Céu
 e tudo voltou a prosperar.
 (PRANDI, 2006, p.198)

A proposta para uma educação afetiva, segura e cumpridora dos parâmetros legais e humanísticos passa por algumas temáticas na escola. Uma delas é o projeto político pedagógico e, conseqüentemente, o currículo. A eles cabe fornecer caminhos e ações que articulem os mais variados temas, mas aqui, nosso olhar se voltará especialmente aos temas relativos à nutrição escolar. Neste caminho, recorreremos a uma proposta em que estes sejam integrados a este planejamento escolar e que o sejam, independentemente de uma gestão pública ou privada.

Com este objetivo, compreendemos como orientação *oxunista* primordial da nutrição escolar a garantia não apenas da segurança alimentar, mas do suprimento das necessidades nutricionais dos alunos, melhoraria da capacidade de ensino-aprendizagem e formação de bons hábitos na alimentação.

Afim de garantir este direito e de que se realizem nas escolas propostas e orientações nutricionais que visem à segurança alimentar, surge a proposta da Educação Alimentar e Nutricional (EAN), através da Lei nº 13.666/18 que alterou o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), incluindo esta abordagem como temática transversal a ser prevista nos currículos Brasil (2018).

Entendo assim que se alimentar faz parte do processo mais básico da existência humana, e nada mais importante que este tema esteja vivo e pulsante dentro da escola *oxunista*. Quando neste trabalho, evoco a força matripotente de Oxum, como sendo esta mãe que gera a vida por onde passa, através de múltiplos saberes, condutas, histórias, quero que ela alimente seus filhos com tudo aquilo que só uma mãe pode dar: desde o primeiro alimento que surge do amor como o da gestação no ventre, permitindo o direito ao nascimento, até os mais outros alimentos ricos em saberes em histórias e vivências, que, pela nossa tradição ancestral, nos permitem pertencer e nos inserir na comunidade, integrando a vida como um todo, não só em sua realidade biológica, mas também social.

À vista disso, como uma proposta acolhedora, e situando uma escola no contexto público, universal, e que atende a todos que a procuram, pretendo que o rio fecundo de Oxum promova, através da nutrição escolar, o começo de uma proposta que perpasse por todo o currículo e que possibilite esta transformação do gesto educacional tradicional para um gesto educacional *oxunista*.

Nas minhas memórias de infância – e ainda hoje –, o “recreio” é aquele momento da pausa, do descanso, de sair da rigidez da sala de aula e de conviver. Também é, em muitas escolas, o momento primordial da alimentação, onde a escola, como muitas Brasil afora, é a única garantidora de uma segurança alimentar mínima aos estudantes. Este “recreio”, em um currículo *oxunista* como proponho, se concentra no contexto nutricional, pois existe uma função primordial e pouco lembrada nas composições curriculares tradicionais que é da merendeira. É desta profissional a responsabilidade de receber o alimento que chega à escola, de preparar a refeição conforme prevê o cardápio, de servir à comunidade escolar com amor e carinho, de acolher as necessidades nutricionais individuais, promovendo assim a educação. Uma das funções mais atreladas ao *oxunismo* educacional que se podem destacar é a dessas profissionais em sua maioria pretas e pobres.

Neste quadro, quero colocar um acento particular entre o metodológico e o simbólico pois ao retratar esta merendeira, penso nela, não apenas como a cumpridora de um cronograma e de uma tarefa profissional. Penso nesta pessoa, que em seu trabalho, está ali como uma mãe, pensando e preparando com amor a refeição que irá nutrir o (s) seu (s) filho (s), que irá proporcionar o alimento que garante que a vida dele (s) siga seu curso. Vem dela o alimento que também educa, cuida e que traz o seu Axé, sua força vital!

Neste rio que converge saber e viver, amor e educação, a força de uma mãe não está apenas naquilo que ela representa, está muito mais naquilo que ela faz pelos seus filhos. Quando Oxum nos dá a vida pela água, nos empresta a sua força, nos dá o manancial que nutre toda a existência ao nosso redor. Assim também é a merendeira, que não só serve o alimento, mas nos educa sem que o percebamos, pois, de forma prática, numa transmissão tradicional de saber simbólica e integrativa, nos fornece o alimento, que passa a fazer parte do corpo que dele se serve. Do sorriso na hora de servir onde cada grão de arroz e feijão colocado no prato contém todo um saber (técnico) ancestral e, que, muito além do alimento físico, como dissemos, contém também o seu Axé, sua força vital. É neste momento que a educação primordial, ou seja, aquela que está para todos acontece. Não existe para esta merendeira o aluno, a aluna, existe a pessoa, aquele, aquela a quem em que pelas suas mãos e pelo suor do seu trabalho está sendo colocado à disposição da vida e da educação.

O pensamento ainda resistente e colonial, por onde muitas vezes a educação caminha, coloca a merendeira apenas como a empregada que faz a comida. Mas não é este o retrato que queremos que nossos alunos tenham desta pessoa numa proposta de educação *oxunista*. Cabe a nós em cada escola incentivar e convidar para que a merendeira participe do planejamento da escola, pois sendo a alimentação um ato primordial, que este não seja meramente nutricional, mas que seja afetivo, cultural, cheio de significados e funcione de forma orgânica na escola *oxunista*.

Assim sendo, uma forma de integrar a alimentação ao currículo, e em nossa ótica ao projeto político pedagógico voltado para uma cosmo-percepção que transborde em práticas antirracistas e promova as relações étnico-raciais, é operar os alimentos e seus significados nas tradições africanas no dia-a-dia da escola.

Há diversos itens na atualidade que estão presentes no cardápio escolar e que são alimentos não só de origem, mas de ancestralidade afro-brasileira. Uma delas é o feijão fradinho, um dos pratos principais na ritualística dos orixás, em especial Oxum, que o aprecia num *adimun* (comida seca ritual) chamado *omokolun*. Assim, o feijão fradinho, por suas características, possibilita os mais diversos tipos de preparos. Portanto, na integralidade deste currículo *oxunista*, cabe ao papel desta merendeira, quando preparar o feijão fradinho como um item previsto no cardápio, integrar este momento da alimentação à participação dos professores, evocando-se temas relacionados ao cultivo, à história da leguminosa, às suas propriedades nutricionais, culturais afro-brasileiras etc., para que, já em sala de aula, se dê a culminância como um momento de uma roda de conversa mediada pelo(a) professor (a) e pela(s)

merendeira(s) juntos. Assim, os alunos experimentarão diversos saberes. Oriundos de fontes diversas, que convergem no mesmo rio da alimentação. Afinal, assim como todos precisamos de águas de Oxum, também nos alimentamos do que sua água nutre.

Também proporcionamos aos educadores a oportunidade de aprender, conviver e entender que a construção de conhecimentos não se dá apenas nas estruturas metodológicas tradicionais. No simples momento de alimentar-se, existem tantas histórias e tantos significados que podem e devem ser explorados para que todos ganhemos força. Não se pode navegar por um rio sem se deixar molhar neste rio, onde Oxum está conosco, as oportunidades de educação *oxunista* se constroem com contextos do dia-a-dia, sendo repletas de afeto e significado.

11. CONCLUSÃO

Toda a reflexão que norteia este ensaio propõe uma nova proposta de currículos e projetos pedagógicos inspiradas pela filosofia *oxunista*, demonstrando que, na educação assim como na sociedade, é possível convergir afeto, força e sabedoria, sem que para isso uma escola *oxunista* se faça valer das premissas e arquétipos da colonialidade sexista, binária e arbitrária.

Para isso, realizo um debate teórico-crítico, buscando demonstrar que, ao se valer da cosmo-percepção africana como uma perspectiva de mundo estamos abrindo espaço para novas práticas pedagógicas ancestrais transformadoras e que, a partir delas, possamos moldar a formação dos valores e estruturas que pautarão o modelo social que pretendemos para o futuro *oxunista*.

O texto almeja romper com o habitual e emana o constructo intelectual que incita a percorrer outros caminhos, navegar em águas não turbulentas, transbordar energia de amor, de força criadora, maternal e acolhedora. Neste caminho, entendo que a escola não é o local de depósito de pessoas que estão ali para acúmulo de saberes e reprodução de conteúdo. Ao contrário, esta escola, deve ser lugar de vivências múltiplas, local onde as vozes encontram ressonância nos espaços, onde os corpos existem e encontram liberdade para ser como são.

Proponho que, nesta escola, todos os saberes sejam compartilhados e permeados por múltiplas histórias, pelas vivências e, em particular, pelos saberes afro-brasileiros não sejam meramente calendarizados ou folclóricos. Provoco a não nos atermos à crença limitante que inviabiliza qualquer proposta de educação pautada em valores afrocentrados, sob o véu da cosmofobia ou arma de combate religioso. O que incitamos é que a ancestralidade presente em nós, na nossa história, continue viva e tenha a sua voz, a sua representatividade, no ato de educar (-nos) e convivermos na aldeia.

Entendo que a educação é um território de disputa e como mencionado o currículo muitas das vezes ocupa a centralidade deste território. Por isso, proponho outro caminho, outro lugar, que não a luta e o combate. Existe o caminho do afeto onde o protagonismo feminino representado em Oxum é essencial na construção desta nova ordem educativa e social. Recorro ao poder e a força da matripotência *oxunista* para a reconstrução desta escola, da reordenação social e funcional que não cumpre apenas o aspecto legal, mas ao ser feita com a profundidade, torna o caminho possível.

Para concluir, compartilho aqui uma escrita de Conceição Evaristo (2016), em “Olhos D’água”, que, com muita sabedoria e sensibilidade, em sua escrevivência, ao contar de sua memória familiar e ancestral, nos mostra que, mesmo diante das adversidades, em contextos difíceis, a fortaleza que existe no afeto e na esperança, como o carinho forte presente entre mãe e filha ao trazer essa recordação, se conecta na atualidade com a sua ancestralidade:

[...]minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas

profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas. (EVARISTO, 2016, p. 13)

Assim, saúdo minha mãe, senhora de minha cabeça e dona de mim e todos vocês. Ore
ie ie *Osun*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. **Osun é fundamento epistemológico: um diálogo com Oyèronké Oyèwúmi**. Carta Capital, São Paulo, Ed. Domingo, 27 de setembro de 2020.
Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/osun-e-fundamento-epistemologico-um-dialogo-com-oyeronke-oyewumi/>. Acesso em: 30/03/2025
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
Acesso em: 23/03/2025
- _____. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 7. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023.
Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/642419/LDB_7ed.pdf.
Acesso: 27/03/2025
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília. Parecer Homologado. Conselho Nacional de Educação. Despacho do Ministro, publicado no Diário Oficial da União de 19/5/2004. Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004.
- _____. **Presidência da República. Lei nº 13.666, de 16 de maio de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir o tema transversal da educação alimentar e nutricional no currículo escolar.
Disponível em :
<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13666&ano=2018&ato=495ETU61UeZpWTe25> Acesso: 27/03/2025
- CAPUTO, Stela Guedes. Ogan, adósu, òjè, ègbónmi e ekedi **O candomblé também está na escola. Mas como?** In CANDAU, Vera Maria, Antonio Flávio Moreira (org). Multiculturalismo Diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2008.
- DIOP, Cheikh Anta. **A Unidade Cultural da África Negra**. Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica. Serra da Amoreira: Edições Pedagógica; Rio de Janeiro: Edições Mulemba, 2014.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água** – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem fronteiras, v.12, n.1, p.98-109, Jan/Abr. 2012. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf> . Acesso em: 27/03/25
- LUZ, Marco Aurélio. **Agadá**. Dinâmica da civilização africano-brasileira. Salvador, Edufba: 2020

MENDES, Joao Roberto Caribe. **“Louvação a Oxum”**. Intérprete: Maria Betânia. Álbum Olho D'Água.: Universal Music Publishing Ltda., 1992.

Disponível em: <https://music.youtube.com/watch?v=FI5QwB1xXnU> Acesso em: 07/02/25.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **Em torno de um pensamento oxunista: Ìyá** descolonizando lógicas de conhecimento. Revista de Filosofia Aurora, [S. l.], v. 33, n. 59, Jan/Ago, 2021..Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27938>. Acesso em: 07/02/25.

OYÈRÓNKÉ, Oyěwùmí. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson flor do nascimento. – 1º Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PETROVICH, Carlos; Machado, Vanda. **Irê Ayó: Mitos Afro-brasileiros**. Salvador: EDUFBA, 2004.

POLI, Ivan da Silva. “Guia de estudo dos mitos Afro-brasileiros”. In: —. **A importância do estudo das mitologias e gêneros literários da oralidade africana e afro-brasileira no contexto educacional brasileiro**: A relevância da lei 10639/03. 2014.Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação ,Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PRANDI, Reginaldo. “Oxum leva ebó ao Orum e salva a terra da seca”. In:-----. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

ROCHA, Aline Matos da. **Oyèrónké Oyěwùmí: em defesa do oxunismo**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 17, n. Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1659>. Acesso em: 22/11/24.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: Modos e Significações**. 2.ed. Brasília, Ayô,2019.

_____, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA, Jorge Artur. do Nascimento, Mendes, Tarcísio. Moreira, & de Oliveira, Juvan. Moreira (2020). **De África, Nizinga; Da diáspora, Dandara**: Cosmopercepção descolonizando o corpo negro. Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN), 12(33), 402–430.

Disponível em : <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/956> Acesso em: 22/11/24.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 2012.

TRINDADE, Azoilda. **Valores e Referências afro-brasileiras-brasileiras**. In: Saberes e fazeres, v3: modos de interagir/ coordenação do projeto Ana Paula Brandão. – Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

TYLOR, Edward. **O desenvolvimento do Conceito de Cultura**. In LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 24.ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar,2009.